

A dimensão internacional do capitalismo no final do século XIX e no início do século XX e o seu efeito sobre o papel do Estado foi a principal contribuição dos teóricos do imperialismo. Porém, o “link” que esses teóricos fizeram entre o capital internacional e a rivalidade interimperial daquela época era problemático e permaneceria assim ao longo dos anos, principalmente de 1945 em diante. O problema central aqui era a tendência de associar diretamente a nova expansão do capital com o velho imperialismo (a expansão da governança mediante conquistas armadas de territórios), levando à conclusão errônea de que essa fusão define a última etapa do capitalismo maduro.

Ademais, a abordagem mais problemática foi a tentativa de explicar o capital internacional como o ponto de saturação dos mercados domésticos no centro desenvolvido. Essa posição teórica foi incapaz de reconhecer a ascensão e organização da classe trabalhadora para o dinamismo do capitalismo. No mundo pós-1945, os mercados domésticos estavam longe de um contexto de saturação; os lucros foram consumados pelo aumento exponencial no consumo da classe trabalhadora, porém a exportação de capital continuou orientada por outros fatores. A exportação do capital foi transformada, ao longo do século XX, no contexto da integração internacional da produção pelas grandes multinacionais (principalmente as dos EUA) e do desenvolvimento extensivo dos mercados financeiros internacionais.

As contribuições teóricas de Claudio Katz, de Panitch e Gindin, entre outros, nos ajudam a romper com as abordagens clássicas do imperialismo. O império informal dos EUA e a sua resiliência é a prova da insuficiência teórica dessas abordagens. A análise marxista contemporânea sobre o imperialismo é insuficiente para compreender os mecanismos de expansão e retração do sistema capitalista, do seu caráter contingencial, a sua inevitabilidade e de ser impossível de sustentar.

As teorias clássicas eram defeituosas na interpretação histórica do imperialismo, na dinâmica da acumulação de capital e na elevação inquestionável das rivalidades interimperialistas (dada pelos autores da época e os seus discípulos).

Uma outra falha das teorias do imperialismo clássico estava nas suas características reducionistas e instrumentais do Estado. A ênfase estava ligada aos fluxos finan-

\* Doutorando do Programa de Economia Política Internacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PEPI/UFRJ)

ceiros e econômicos apenas (talvez pelo estágio incipiente do capitalismo). Porém, a insistência em olhar para o expansionismo capitalista nesses termos atrapalha o entendimento da sua evolução e resiliência ao longo do século passado e até o presente momento.

Nessa nova obra, *La crisis del sistema imperial*, recém-lançada pela Jacobin, Claudio Katz se esforça em atualizar a sua própria pesquisa, porém rejeita retomar a disputa teórica entre as perspectivas clássicas do imperialismo e as abordagens atuais. Na verdade, Katz procura avaliar até que ponto essa discussão tem alguma validade para o atual contexto geopolítico, marcado por um duplo movimento de reconfiguração e de redefinição do poder global que demonstra uma transição em curso na ordem mundial, salientando uma erosão do poder relativo das potências dominantes e as suas limitações estruturais para reverter esse cenário, seja na dimensão política como também na esfera econômica/financeira.

Katz salienta que, com a atual crise na Ucrânia, a dormente abordagem sobre o imperialismo foi reavivada. Esse novo esforço de Claudio Katz se coloca exatamente nesse contexto de debates intensos e polemiza com as esquerdas internacionais sobre o imperialismo.

A obra é fruto de uma coleção de diversos artigos publicados entre 2021-2023. O livro está dividido em seis seções, com 22 capítulos. Na primeira seção Katz contextualiza o sistema interestatal capitalista como um produto histórico do pós-guerra, com a sua característica imperialista. A abordagem histórica é de fundamental importância para o autor, pois insistir nas abordagens clássicas não permite analisar as transformações no núcleo do sistema capitalista (abordados acima) e, mais além, não permite uma melhor compreensão da ausência de confrontos interimperialistas nas últimas décadas – uma realidade que marcou profundamente as primeiras décadas do século passado.

Entretanto, Katz enfatiza que, apesar da ausência de confrontos diretos entre potências imperialistas, fatores recorrentes nas relações políticas internacionais não desapareceram, e o mais importante continua sendo o uso coercitivo da força. Ademais, os gastos militares aumentaram exponencialmente, inúmeros confrontos se multiplicaram dentro de um contexto global fragmentado e terrivelmente turbulento.

Na sessão seguinte, o autor aborda o tema da erosão relativa do poder dos EUA. Os fracassos de Trump e Biden são analisados com rigor. Porém, não podemos deixar de lado os problemas das administrações Bush e Obama. Katz também aborda as fraturas internas da potência do Norte que se intensificam no âmbito da luta de classes. O autor mantém a cautela em relação a previsões, considera esses fatos como um processo em andamento e que requer uma análise mais aprofundada e responsável.

Mais adiante e na mesma seção, o autor promove um debate interessante sobre as transições históricas na acumulação capitalista que promovem as sucessões das potências. O autor destaca os acertos e os erros envolvidos aqui.

Quanto à China, Katz dedica toda a terceira seção da obra a essa potência asiática. O autor enfatiza que a China é uma potência fora do círculo imperialista, que não faz parte do Sul Global e é o maior rival dos EUA (essa competição não é entre iguais). Katz esmiúça os contrastes internos do gigante asiático – o seu sistema econômico-social e político – as entranhas no contencioso político do país.

Mais adiante, Katz desafia a crença do olhar benigno sobre a China. Ele não percebe o país como uma potência que promove uma globalização inclusiva. Ele destaca as características peculiares da China – um credor de peso, com um capitalismo muito desenvolvido, uma inserção internacional muito competitiva e uma geopolítica cautelosa. Destaca como a China rechaçou o receituário neoliberal e a financeirização da sua economia, permitindo assim um desenvolvimento econômico sem precedentes.

A sessão seguinte (quatro capítulos) é dedicada à postura desafiadora da Rússia de Putin. Katz é cauteloso aqui. O autor define a Rússia como um império não hegemônico e que se encontra num processo de formação. Katz faz uma trajetória histórica muito útil, destacando o legado de Lenin e a fragmentação e dissolução da URSS, salientando de maneira direta a sua visão não benigna de Putin, críticas aos “defensores do Kremlin atual”. Katz caracteriza a Rússia como um ator semiperiférico, com claras deficiências econômicas (exportação de bens primários). Entretanto, a Rússia é uma exportadora relevante de armas, mas essa condição foi afetada negativamente pelo conflito com a Ucrânia.

A atual Rússia, segundo o autor, se distancia claramente do passado imperialista czarista e do período expansionista soviético (para Katz, a URSS não era imperialista). O desafio lançado por Putin contra o sistema interestatal capitalista – um sistema imperialista liderado pelos EUA e pela OTAN – não é de uma arquitetura progressista, longe disso. O Kremlin promove e defende uma oligarquia, não permite um debate político, neutraliza questões internas e tem a esquerda como um alvo constante.

Na quinta seção, Katz analisa o turbulento Oriente Médio. O autor enfatiza o conceito de “subimperialismo” ao descrever países como a Turquia, a Arábia Saudita e o Irã, caracterizando Israel como coimperialista. Ademais, Katz desconstrói a visão dos EUA sobre a região, que os motivos para as tensões regionais são de fundos religiosos e culturais. As ações recentes da potência do Norte na região têm como pano de fundo o petróleo e a recuperação da sua primazia geopolítica. Porém, os resultados foram catastróficos, a saber: a invasão e ocupação do Afeganistão e do Iraque e as incursões negativas na Líbia e na Síria.

Na sexta parte, Katz propõe o conceito de anti-imperialismo como orientador à esquerda para analisar as turbulências sistêmicas atuais. Os conflitos no Oriente Médio não podem ser analisados somente como vitórias das bases populares vis-à-vis as ações imperialistas, porém eles são importantes. Devemos evitar também a visão macro dos alinhamentos geopolíticos “puro e simples” e da neutralidade.

Nos capítulos 21 e 22, Katz se debruça sobre a crise na Ucrânia. O autor propõe uma análise ampla do contexto geopolítico, da luta de classes e do conceito da auto-determinação dos povos. Ainda, Katz vai além e propõe uma agenda para um olhar da esquerda sobre essa crise específica. Katz é um crítico da invasão russa, entretanto aponta para os EUA e a OTAN como os provocadores imperialistas do conflito.

No último capítulo, Katz articula um debate teórico refutando os seus críticos. Mais uma vez o autor critica aqueles que se enjaulam na perspectiva economicista do imperialismo clássico e que aplicam nos dias atuais conceitos que Lenin formulou no início do século passado.

Nessa instigante obra, Claudio Katz, renomado economista e professor argentino, dono de uma vasta obra que aborda uma miríade de temas, nos convida a refletir sobre a direção em que o atual sistema interestatal capitalista caminha. Não há dúvidas que nos encontramos em um contexto de reconfiguração e redefinição sistêmica, provocando turbulências previstas e imprevisas. Entretanto, devemos estar atentos às tensões e contradições dialéticas que se encontram nos níveis micro e sistêmicos, na luta de classes e na esquerda, destacando sempre o anti-imperialismo como uma bandeira a ser erguida.